



Truth and Repair: How Trauma Survivors Envision Justice

HERMAN, Judith (2023). *Truth and Repair: How Trauma Survivors Envision Justice*. New York: Perseus Books, 272 pp.

Eugénio Lopes 

Universidad Nacional de Educación a Distancia
lopes_eugenio@hotmail.com

O “trauma” é, todavia, um tema recente no mundo académico. Contudo, quando se estuda este argumento, do ponto de vista científico, usa-se sobretudo um método psicológico e neurocientífico. Ora, o trauma pode igualmente ser analisado sob o ponto de vista filosófico. Neste sentido, considero muito interessante a obra supracitada, “Verdade e Reparação: como os sobreviventes de traumas encaram a justiça”¹, de Judith Herman, MD (igualmente recomendada pelo maior especialista de estudos sobre o trauma, do ponto de vista psicológico e neurocientífico, mundialmente reconhecido, Bessel Van der Kolk, MD, autor do bestseller, “O Corpo guarda a conta”², como se pode ler na capa da obra supracitada de Judith Herman), pois a Autora procura analisar e relacionar o trauma (particularmente aquele originado pelo abuso sexual) com a filosofia, sobretudo anterológica, moral, legal social e política, dando, assim, continuidade ao seu estudo sobre o trauma, que já conta com vários anos de investigação e obras.

¹ A tradução portuguesa foi feita pelo Autor da resenha.

² A tradução portuguesa foi feita pelo Autor da resenha.

Título original da Obra: (2015) *The Body Keeps the Score*. New York: Penguin Books, 464 pp.



Para atingir este objetivo, Judith Herman decidiu dividir a sua obra em três partes, que, por sua vez, subdividem-se em vários capítulos³. A primeira parte, intitulada “Poder”, subdivide-se em três capítulos. Assim, no primeiro capítulo, intitulado “As regras da tirania”, a Autora analisa basicamente de que forma a tirania pode estar na base dos traumas. Sucessivamente, no segundo, intitulado “As regras da igualdade”, a Autora mostra como o abuso do poder, e, assim, a desigualdade relacional, pode originar o trauma. Finalmente, no terceiro, todavia seguindo esta linha, intitulado “Patriarcado”, a autora analisa como o patriarcado pode igualmente originar o trauma.

Posteriormente, a segunda parte, intitulada “Visões de justiça”, subdivide-se também em três capítulos. Assim, no quarto capítulo da obra (primeiro desta parte), intitulado “Reconhecimento”, Judith Herman mostra, tal como o título sugere, de que forma o reconhecimento do mal (que neste caso é causa do trauma), sobretudo por parte da sociedade, é fundamental tanto para o bem da vítima, como para o do malfeitor e para o da sociedade (incluído as gerações vindouras). Já no quinto, intitulado “Pedido de desculpas”, como o título igualmente evidencia, a Autora mostra como, após o reconhecimento, deve-se não só pedir desculpas à vítima, como também reparar o dano que sofreu, a fim de inseri-la novamente na sociedade. Finalmente, no sexto capítulo, intitulado “Responsabilidade”, a Autora destaca a importância de reparar-se o mal cometido: não só de o malfeitor reconhecer e responsabilizar-se pelo seu mau ato e, assim, as consequências negativas que tal ato traz para a vítima e inclusive para a sociedade, como igualmente o facto de a sociedade reconhecer que deve intervir em tal processo, a fim de evitar com que o mal se propague, de diferentes formas.

Por último, a terceira parte, intitulada “Cura”, contém igualmente três capítulos. Assim, no sétimo capítulo (primeiro desta parte), intitulado “Restituição”, Judith Herman analisa de que formas se pode reparar o mal e, deste modo, ajudar a vítima no processo de cura e inserção. Posteriormente, no oitavo capítulo, intitulado “Reabilitação”, tal como o título sugere, a Autora destaca a importância de reabilitar não só a vítima, do ponto de vista individual e social, mas igualmente o malfeitor. Finalmente, no nono capítulo (último da obra), intitulado “Prevenção”, a Autora continua a mostrar como o trauma não só afeta negativamente a vítima, como também toda a sociedade, destacando, assim, a necessidade de implementarem-se várias medidas, inclusive legais, não só a fim de salvaguardar e tutelar a vítima de outros abusos possíveis (como também outras possíveis vítimas futuras, de outros malfeitores), mas também a fim de evitar com que o malfeitor continue agindo de tal modo (inclusive com outras possíveis vítimas futuras), procurando, neste sentido, reinseri-lo igualmente na sociedade.

³ As traduções portuguesas foram feitas pelo Autor da resenha.

Dos vários pontos positivos que se podem identificar na obra, com relação à metodologia, aos objetivos e ao conteúdo, gostaria de mencionar os seguintes, que considero os mais importantes, respetivamente. Portanto, com relação à metodologia, destaca-se positivamente na obra que Judith Herman tenha analisado o argumento, de um ponto de vista interdisciplinar. Como ela menciona ao longo da introdução, apesar da sua área de formação ser a medicina (psiquiátrica), tal argumento obrigou-a, no bom sentido da palavra, a que ela o estudasse também do ponto de vista filosófico, nomeadamente, antropológico, moral, legal, social e político, a fim de obter e propor resultados mais credíveis e válidos. Assim, com este diálogo interdisciplinar, penso igualmente que a obra pode contribuir para o desenvolvimento de várias áreas do conhecimento.

Aliado a esta situação, destaca-se, todavia do ponto de vista metodológico, que Judith Herman recorreu a muitos dados estatísticos, como também a muitos testemunhos (inclusive de pessoas entrevistadas por ela), não só de vítimas, como também de malfeitores e de pessoas (externas) que lidam com estas situações, de vários modos. Procedendo igualmente de tal modo, penso que a Autora conseguiu não só dar mais credibilidade aos argumentos que expôs, como também, nesta linha, dar mais consistência à sua obra, de forma geral. Finalmente, nesta secção, gostaria também de salientar o facto de a Autora ter empregado uma linguagem simples e bastante compreensível para o leitor, mesmo quando abordou vários conceitos científicos, talvez um pouco mais ‘densos’ para alguns leitores.

Já com relação aos objetivos da obra, gostaria de salientar, como ponto positivo, que Judith Herman tenha mostrado como o trauma, originado neste caso por abusos sexuais a mulheres e a crianças, condiciona negativamente a sua autorrealização, bem como afeta negativamente a sociedade e as gerações vindouras. Neste sentido, tendo como pressuposto que a dignidade da pessoa humana é sempre inviolável, tal como a Autora defende, não agir, ou até mesmo, muitas vezes, negar o mal, ou inclusive reverter os papéis vítima / malfeitor, não só não é uma grande injustiça, em vários sentidos, pois sobretudo não se tutela os direitos da vítima e se torna o malfeitor responsável pelo mal que fez, com também acarreta grandes males, em todos os sentidos para a sociedade. Contudo, penso que a obra poderia ter ganhado todavia mais em qualidade, se a Autora tivesse alargado o raciocínio a outras situações, onde pessoas foram vítimas do mal de outros e que, simultaneamente, de uma forma ou outra, ficaram traumatizadas.

Finalmente, com relação ao conteúdo da obra gostaria de mencionar os seguintes pontos positivos. Para tal, dividirei esta secção em três partes: 1) vítima, 2) malfeitor e 3) sociedade (particularmente com relação às testemunhas). Assim, no que diz respeito ao tema da vítima, destaca-se positivamente na obra que Judith Herman tenha identificado e analisado o trauma, mostrando de que forma ele se pode originar na pessoa humana. Considero, nesta linha, igualmente interessante

que a Autora tenha identificado alguns tipos de traumas na pessoa humana. Também destaco que a Autora tenha mostrado como o trauma pode dissociar a pessoa e alterar a sua personalidade, bem como a sua relação com o demais e com o mundo.

Destaca-se igualmente como ponto positivo que Judith Herman tenha relacionado o trauma com o intelecto, a afetividade e vontade da pessoa humana, mostrando de que forma o primeiro pode condicionar negativamente as outras entidades. A Autora foi um pouco mais além e, pertinentemente, mostrou de que forma o trauma se relaciona com o corpo humano, particularmente com o sistema nervoso (sobretudo com o cérebro humano), com o sistema imunitário e com a genética.

Finalmente, com relação à vítima, sobressai igualmente positivamente na obra o facto de Judith Herman ter mostrado de que forma se pode e deve ajudar a vítima, a fim de curá-la e reinseri-la na sociedade, destacando, assim, de que modo tal atitude pode ser igualmente avaliada desde o ponto de vista ético. Nesta linha, destaca-se também que a Autora tenha mostrado sobretudo de que forma deve ser a relação médico-paciente.

Com relação ao malfeitor, considera-se como ponto positivo na obra que Judith Herman tenha, de forma geral, não só identificado quem são geralmente essas pessoas, como também mostrado o que leva tais pessoas a cometerem tais atos inumanos. Nesta linha, destaca-se também positivamente que a Autora tenha salientado, de forma pertinente, a necessidade de o malfeitor reconhecer os seus maus atos, como também pedir desculpas à vítima (onde o termo mais correto seria perdão), a reparar o mal feito e procurar, simultaneamente, emendar-se, a fim de evitar no futuro cometer novamente tais (ou outros) maus atos. Assim, considero igualmente interessante que a Autora tenha analisado quais são, de várias formas, o modo mais eficaz de reinserir o malfeitor na sociedade, propondo e defendendo simultaneamente mais a necessidade da reinserção e não tanto da punição com relação ao malfeitor, mostrando, para tal, as suas vantagens e desvantagens, em ambas as situações.

Finalmente, com relação à sociedade, salienta-se positivamente o facto de Judith Herman ter mostrado de que forma negar os factos ou não ajudar a vítima (em caso mais extremos, revertendo os papéis, convertendo-a em malfeitor e vice-versa), condiciona negativamente, não só o processo de cura da vítima e consequente reinserção, mas também, em vários sentidos, o bem-comum. De facto, como ela mostra, procedendo de tal forma, permite-se com que o mal se propague consequentemente, de diferentes formas, condicionando o bem a harmonia social. A Autora vai todavia mais além e chega mesmo a afirmar, pertinentemente, que tal comportamento pode inclusive Re-traumatizar a vítima, remetendo-a a um estado pior, face ao precedente.

Neste sentido, considera-se fundamental o papel que Judith Herman atribuiu, em primeiro plano, às testemunhas, que devem sempre denunciar o mal e, simultaneamente, auxiliar, de diferentes formas, a vítima, algo que também pode ser avaliado desde o ponto de vista moral e legal. Nesta linha, destaca igualmente o papel fundamental de grupos que promovam a cura, a proteção e a reinserção da vítima –como também a reinserção do malfeitor na sociedade.

Um outro ponto importante, destacado por Judith Herman, consiste na necessidade de criarem-se e implementarem-se medidas e, sobretudo, leis, a fim de auxiliarem e protegerem as vítimas ou possíveis vítimas (apesar de existirem umas poucas com as quais eu não concordo). Neste sentido, considera-se igualmente interessante que a Autora tenha destacado o papel fundamental dos sistemas de justiça, que frequentemente desconsideram tais casos ou, inclusive, em muitos casos, acabam por reverter os papéis, condenando assim a vítima e absolvendo o malfeitor (tornando inclusive este numa vítima). Portanto, a Autora alerta para a necessidade de os advogados e juízes procurarem sempre defender e promoverem a verdade e a justiça, a fim de, como vimos anteriormente, não se cometerem todavia mais injustiças, algo que acaba também por condicionar negativamente o bem-comum. Finalmente, neste sentido, destaca-se igualmente como ponto positivo que a Autora tenha colocado ênfase na necessidade de os políticos, nomeadamente aqueles dos governos, de criarem, implementarem e aplicarem leis que promovam sempre a justiça.

O estudo do trauma todavia continua a avançar no mundo académico (sobretudo devido aos recentes desenvolvimentos da neurociência), apesar de conhecerem-se já alguns progressos bastante significativos. Ora, o trauma é um tema que também faz referência a outras áreas do conhecimento, nomeadamente à filosofia, em particular, antropológica, moral, legal, social e política. Neste sentido, tendo em consideração este ponto, termino esta resenha todavia reiterando a importância da leitura da obra supracitada de Judith Herman, fruto de um longo e intenso estudo, motivando-a, de igual modo, se me é permitido, a continuar com o seu bom trabalho de investigação.